

Ficha Técnica

Título

MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro
Nº1 – A Realidade Museológica no Algarve: Perspectivas para o Séc. XXI

Edição

Câmara Municipal de Faro / Museu Municipal

Direcção

Dália Paulo

Investigadora co-responsável

Clara Camacho

Conselho Científico

António Nabais

Clara Camacho

Francisco Lameira

João Brigola

José d'Encarnação

Textos

António Carrilho

António Nabais

Clara Camacho

Conceição Amaral

Dália Paulo

Emanuel Sancho

Isabel Soares

José Gameiro

Marco Lopes

Design e Produção

Ideias em Baú, Comunicação Marketing, Lda

Impressão

SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda

Depósito legal

242162-06

ISSN

1646-4202

Data

Mai 2006

Tiragem

1000 exemplares

Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.



Cristina CALAIS (coord.), *O Homem e o Trabalho. A Magia da Mão*. Catálogo da exposição permanente do Museu Municipal de Coruche, Coruche, 2003. 183 pp. ISBN: 972-98829-1-6.

Exposição permanente ou temporária – vale pelo seu conteúdo, sem dúvida, mas também pela sua originalidade. Museu deixou de ser lugar de velharias, para se constituir em «casa de Musas», inspiradora de largos voos – que não se concebe musa estática, empedernida, sem golpe de asa a desvendar aléns... E dentro dessa originalidade cabe necessariamente o catálogo, vamos levar a exposição para a estante, onde amiúde revivemos objectos e, com seleccionados textos, aprendemos mais, saboreamos melhor, rasgamos horizontes...

Assim, no Museu Municipal de Coruche, o catálogo da sua exposição inaugural – *O Homem e o Trabalho. A Magia da Mão*.

Explica Cristina Calais: é a «história do concelho de Coruche, que retrata os grandes períodos da história humana, sendo a magia da mão o único elo entre os vários momentos». «Longa caminhada no tempo», «gradual autonomização do Homem face à natureza»: desde os primeiros instrumentos e as primeiras construções à arte do lapicida e do estatuário de temática religiosa, ao tractor contemporâneo. Prolongamentos e obra da mão – que deve construir sem provocar rupturas irreparáveis.

E vamos por aí.

1º) *A Mão e Mundo – a Descoberta*. A abrir, um poema (diríamos):

A mão que se ergue no ar. Lenta. Indecisa.

Mão na descoberta de si.

Silvério Figueiredo faz «breve abordagem da origem e evolução da vida» (p. 11-21), em texto didáctico, didacticamente ilustrado por Nuno dos Santos e acompanhado de utilíssimo glossário.

Eugénia Cunha, «Breve ensaio sobre a evolução humana» (p. 23-31): as fases de um crescimento em transformação até ao *homo sapiens sapiens*. A Antropologia ao serviço da História.

Cristina Calais inicia o olhar para fora, para a obra, a mão que talha a pedra e já consegue moldar metais (p. 33-43). E vemos as imagens. E compreendemos melhor.

Raquel Vilaça levanta-nos o véu sobre a Idade do Bronze em terras de Coruche: «as comunidades do Vale do Sorraia de há 3000 anos não ficaram à margem da circulação do metal e dos contactos com outros grupos humanos» (p. 45).

2º) *A Mão e o Mundo – o Comércio*

Parte-se. Chega-se. Arrisca-se.

Quer dizer: é-se plenamente homem.

O mundo descobre-se para lá do olhar.

Assim, num salpico de alma, como os farrapos brancos de neve que, desde ontem, resistem neste pinhal à beira da linha férrea.

Ana Margarida Arruda estudou o que da Idade do Ferro há no baixo vale do Tejo (p. 47-49), que era, então, afinal, parte do «grande mar, herdeiro da transgressão flandriana (grande subida do nível das águas do mar, ocorrida em 5000 B. P.)», o estuário do Tejo. E dos homens dessa época, temos – diz-nos Cidália Duarte (p. 50) – um exemplo: alguns ossos «de uma criança, com cerca de três anos de idade», que, após a cremação, foram depositados numa urna achada na Herdade dos Pavões.

3º) *A Mão e o Mundo – o Império*

Eis-nos no tempo do linear e da medida.

Da regra. O mundo é já Império. Civilização.

.....
Roma é o centro. O Sol.

E Vasco Mantas conta-nos do que se sabe da presença romana no território que é Coruche na actualidade (p. 53-68). Enquadra essa história na história mais global da Lusitânia tagana; *Scallabis*; a acessibilidade por via fluvial; ficaria na zona de Coruche a capital dos *Turduli Bardili* a que vagamente se refere Plínio-o-Velho? Não há, que se conheçam, centros urbanos, mas terá sido intensa a ocupação rural – havia para isso boas condições naturais – sendo a agricultura e a pecuária (mormente a criação de gado cavalari) actividades «fundamentais» ao tempo dos Romanos, entre os séculos I e V d. C. Dentre os objectos expostos destaque para a pedra de anel achada em Águas Belas, que representa Minerva. E comenta Vasco Mantas:

«Em Coruche [...], onde uma etimologia fantasista fez introduzir no brasão uma coruja, não deixará de ser

interessante recordar que Minerva, segundo o mito grego, deu aos homens a oliveira e que a coruja lhe era consagrada. Que melhor símbolo para este Museu?» (p. 57). As moedas, os materiais de construção, o comércio e o estilo de vida e a economia rural – constituem partes de um breve ensaio que se demora, no fim, sobre a condição humana, a pretexto da ara funerária dedicada por *Victorina* a seu extremoso marido, Menelau, qual Isolda e Tristão, Pedro e Inês (p. 66).

4º) *A Mão e Deus – a Transcendência*

Este é o lugar do silêncio. A fala dos dedos.

Eloquente introdução à época medieval, trazida por Fernando Branco Correia (p. 71-88), nos seus mais variados aspectos: arquitectónico, político (a Ordem de Avis e o poder municipal...), com a inevitável referência às sempre sintomáticas cláusulas de teor mercantil do foral manuelino.

José António Falcão, na sequência da fértil investigação que vem efectuando, mormente a partir de Beja, aborda, através do património religioso do concelho, a influência e as manifestações do sagrado no quotidiano (p. 91-126). A estatuária singular, a «Erra Velha», pia de água benta de peanha pétreia esculpida em jeito de velha; esplendorosa, a custódia da bênção dos campos, trabalho português de meados do século XVIII; expressivo o rosto de Cristo morto, crucifixo do último quartel do século XVI, pertença da Santa Casa da Misericórdia local; rica de significado histórico a imagem de Nossa Senhora do Pópulo, uma devoção muito do carinho da rainha D. Leonor, que escolheu a Senhora «para protectora da igreja do hospital das Caldas da Rainha» (p. 108); ainda da Misericórdia, o ingénuo conjunto de S. Ana, a Virgem e o Menino, escultura de calcário datável do século XV. E termina-se com a magnífica azulejaria, onde avulta o frontal de altar, do 3º quartel do século XVII, com S. Pedro no medalhão central, rodeado de surpreendente fauna, a lembrar paraísos terrenos...

5º - *A Mão e a Máquina – o Domínio*

O homem estende a mão.

Diz: posso, tenho, pertence-me.

Inicia-nos Ana Firmino (p. 129-139) na «magia do engenho»:

«Oh que matos pera pão!

Que vales pera açafão

E canas açucaradas!» (p. 132).

E na «arte da paisagem» – a necessária abordagem geográfica e os novos desafios. Terras a pedir braços, os humanos e os outros. Por isso, Joana Marçal estuda a mecanização da agricultura (p. 141-148) e Maria Rosa Geadas

Lopes «os sistemas agrícolas e as suas consequências no ambiente» (p. 151-155), no apelo a uma agricultura biológica, a alternativa desejável.

6º) *A Mão e o Futuro – a Lição dos Contrastes*

*O homem pára e olha. Olha com o olhar
de quem penetra profundo no Mundo.*

E se as suas mãos «resplandecem de poder», que futuro terá o trabalho «na era da crise global do ambiente»? (Viriato Soromenho-Marques, p. 157-165). Aplicáveis serão aqui os «princípios estratégicos para uma sustentabilidade global»?

Afinal, percorremos com o Homem a Natureza – e o que é a Natureza? (Domingos Francisco, p. 167-173). Um toque de mágica? Uma criação divina? O brinquedo de Deus? Ou, de preferência, o apelo a uma partilha, pois a terra «vale por ser terra», o Sol «vale por ser sol»...

162 peças estão identificadas, por fim, no catálogo propriamente dito (p. 175-183).

Terminamos a viagem. E sentimos, de imediato, a vontade de voltar ao princípio, para melhor consciencializarmos tudo. Ao princípio do catálogo perfeito, ao rever da exposição sugestiva. À meditação sobre o verdadeiro significado dos traços da nossa mão.

José d'Encarnação